

## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

### **I – REQUERIMENTO**

Elaborado pelo estabelecimento de ensino para o (a) Secretário (a) de Estado da Educação.

### **II – IDENTIFICAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO**

Indicação do nome do estabelecimento de ensino, de acordo com a vida legal do estabelecimento (VLE).

### **III - PARECER E RESOLUÇÃO DO CREDENCIAMENTO DA INSTITUIÇÃO**

### **IV – JUSTIFICATIVA**

A estruturação Curricular do Curso Técnico em Vestuário visa o aperfeiçoamento na concepção de uma formação técnica que articule trabalho, cultura, ciência e tecnologia como princípios que sintetizem todo o processo formativo.

Assim, os componentes curriculares integram-se e articulam-se garantindo que os saberes científicos e tecnológicos sejam a base da formação técnica. As ciências humanas e sociais permitirão que o técnico em formação se compreenda como sujeito histórico que produz sua existência pela interação consciente com a realidade construindo valores, conhecimentos e cultura.

O setor têxtil vestuário paranaense ocupa o quarto lugar na representação econômica entre as unidades federativas do Brasil. Reúne 4.647 empresas que empregam 67.426 trabalhadores industriais, credenciando-se como o setor que mais emprega no âmbito estadual. Um dos destaques da indústria paranaense é a descentralização da produção. Existem indústrias em todas as regiões do Estado.

O Curso Técnico em Vestuário vem ao encontro da necessidade da formação do Técnico numa perspectiva de totalidade e constitui-se numa atividade

## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

com crescente exigência de qualificação. A organização dos conhecimentos, no Curso Técnico em Vestuário, enfatiza o resgate da formação humana onde o aluno, como sujeito histórico, produz sua existência pelo enfrentamento consciente da realidade dada, produzindo valores de uso, conhecimentos e cultura por sua ação criativa.

### **V – OBJETIVOS**

- a) Capacitar profissionais proporcionando formação técnica com formação construtiva no desenvolvimento de atividades junto ao setor de vestuário;
- b) Organizar experiências pedagógicas que levem à formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de intervir de maneira responsável na sociedade em que vivem;
- c) Oferecer um processo formativo que sustentado na educação geral obtida no nível médio assegure a integração entre a formação geral e a de caráter profissional;
- d) Articular conhecimento científico e tecnológico das áreas naturais e sociais estabelecendo uma abordagem integrada das experiências educativas;
- e) Oferecer um conjunto de experiências teórico-práticas na área de Vestuário;
- f) Formar o Técnico em Vestuário que tenha conhecimento nos processos de gestão do sistema produtivo da área, bem como, conhecimento teórico e prático das diversas atividades do setor de confecção;
- g) Realizar modelagem das coleções, aplicando técnicas de ampliação, redução, controle de qualidade e acompanhar todo o processo de produção do vestuário.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### VI – DADOS GERAIS DO CURSO

**Habilitação Profissional:** Técnico em Vestuário

**Eixo Tecnológico:** Produção Industrial

**Forma:** Subsequente

**Carga Horária Total:** 1200 horas

**Regime de Funcionamento:** de 2ª a 6ª feira, no período da **manhã, tarde ou noite**

**Regime de Matrícula:** Semestral

**Número de Vagas:** \_\_\_ por turma. (Conforme m<sup>2</sup> - mínimo 30 ou 40)

**Período de Integralização do Curso:** mínimo 03 (três) semestres letivos e máximo 06 (seis) semestres letivos.

**Requisitos de Acesso:** Conclusão do Ensino Médio

**Modalidade de Oferta:** Presencial

### VII - PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Técnico em Vestuário domina conteúdos e processos relevantes do conhecimento científico, tecnológico, social e cultural utilizando suas diferentes linguagens, o que lhe confere autonomia intelectual para acompanhar as mudanças, de forma a intervir no mundo do trabalho, orientado por valores éticos que dão suporte a convivência democrática.

Supervisiona o processo de confecção do produto conforme padrões de qualidade. Coordena a produção. Analisa e define a melhor sequência de montagem do produto, de acordo com a forma de execução e as características da matéria-prima. Propõe e analisa métodos de trabalho dos processos fabris. Determina o tempo-padrão das operações e dimensiona recursos necessários ao atendimento das demandas de clientes. Supervisiona a utilização de máquinas de costura industrial e equipamentos. Faz o planejamento e a programação da produção. Monitora o desempenho da produção. Supervisiona a execução de plano de manutenção.

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

**VIII - ORGANIZAÇÃO CURRICULAR CONTENDO AS INFORMAÇÕES RELATIVAS À ESTRUTURA DO CURSO:**

**a. Descrição de cada disciplina contendo Ementa**

**01- DESENHO TÉCNICO**

**Carga horária total:** 96 horas

**Ementa:** Estudo dos instrumentos e normas utilizados no desenho. Aplicação de materiais e suas respectivas técnicas de desenho. Estudo da planificação de diversos tipos de peças do vestuário, silhuetas, proporções e detalhes.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Normas, Instrumentos, Materiais e Técnicas de Desenho</b>	1.1 Materiais básicos para desenho: papéis, lápis e canetas específicas 1.2 Elementos essenciais da composição gráfica 1.3 Modalidades de desenho 1.4 Escala métrica e proporção 1.5 Formas, estrutura e modulação 1.6 Silhuetas 1.7 Desenho técnico de moda 1.8 Normas para a planificação de peças do vestuário 1.9 Representações planificadas de detalhe do vestuário 1.10 Luz e sombra positiva e negativa 1.11 Cores harmônicas, quentes, frias, e contrastantes 1.12 Representação têxtil com luz e sombra 1.13 Caderno de tendências de cores para a Moda 1.14 Desenho de detalhes dos tecidos 1.15 Técnicas e materiais de acabamento e pintura para texturas e estampas 1.16 Desenho de calçados, chapéus e acessórios do vestuário

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

<b>2 Estrutura e proporções da figura humana</b>	2.1 Perspectiva Cônica: conceitos, elementos do sistema e métodos perspectivados 2.2 Proporção 2.3 Estudos das proporções humanas 2.4 Elementos básicos do croqui 2.5 Desenho de figura humana: cabeça (olhos, boca e orelhas), tronco, mãos, pés e cabelo 2.6 Mapas da figura humana 2.7 Base para croquis conforme idades, infantil e masculino 2.8 Principais nomes e estilos do desenho de moda 2.9 Ficha Técnica 2.10 Portfólio
--	---

### BIBLIOGRAFIA:

BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo**: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: Senac, 2006.

BERTASO, H. de A. **Projeto Marketing & Design de Moda**. Porto Alegre: CFP. Senai, 2005.

FERNANDES, A. **Desenho para designers de moda**: Coleção Aula de Desenho Profissional. 1 ed. Portugal: Estampa, 2008.

FULCO, P. de T.; SILVA, R. L. **Modelagem Plana Masculina**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.

JONES, Sue Jenkyn. **Diseño de moda**. Hong Kong: Blume, 2002.

KUKY, E. D.; PACI, T. **La figura nella moda**: corso di grafica professionale per stilisti e fashion designer. 6 ed. Milão: Ikon, 2006.

LEITE, A. S.; VELLOSO, M. D. **Desenho técnico de roupa feminina**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

MANDEL, R. **Como desenhar modas**: femininas, masculinas e infantis. Rio de Janeiro: Ediouro.

MANDEL, R. **Desenho de moda**: técnica em preto e branco e aguada. Rio de Janeiro: Ediouro.

MORRIS, B. **Fashion illustrator**: manual do ilustrador de moda. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

PARRAMÓN. J.M. **Como desenhar a figura humana**. Rio de Janeiro: Livro IberoAmericano Ltda., 1986.

SCHMITT, A. et alii **Desenho técnico fundamental**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1977.

TAIN, L. **Portafolio presentation for fashion designers**. New York: Fairchild Publications, 1998.

### 02 - DESIGN E CRIAÇÃO DO VESTUÁRIO

**Carga horária total:** 96 horas

**Ementa:** Aplicação da origem, princípios, comportamento e fundamentos do design. Análise da moda e da contemporaneidade. Estabelecimento de relações entre a evolução das tendências de moda e sua linguagem. Estudo das coleções e dos métodos de pesquisa na moda.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Design</b>	1.1 Conceitos, origem e fundamentos do design 1.2 O designer 1.3 Princípios teóricos do design e da moda 1.4 Prática de estilo x design
<b>2 Moda e contemporaneidade</b>	2.1 Design, moda e contemporaneidade 2.2 Ciclo de moda 2.3 Ciclo de vida de uma peça de roupa
<b>3 Tendências de Moda</b>	3.1 Evolução das tendências de moda (origens, esquemas e funcionamento) 3.2 Moda x Estilo 3.3 Moda e Arte 3.4 Moda e Rua 3.5 Trickle – Dow e Bouble Up.
<b>4 Linguagem da Moda</b>	4.1 Linguagem da moda 4.2 Semiótica 4.3 Definições de moda X estilo 4.4 Percepção visual x técnicas de criação 4.5 Criação de moda x comportamento 4.6 Como se vende moda 4.7 Capitais da moda

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

<b>5 Coleções e Métodos de Pesquisa</b>	5.1 Surgimento das coleções 5.2 O que é uma coleção 5.3 Quem cria as coleções 5.4 Características de uma coleção 5.5 Criatividade e estilo pessoal 5.6 Brainstorm 5.7 Conceitos próprios a partir de pesquisa em moda e orientações 5.8 Métodos de pesquisa de temas, cores, formas e materiais
---	--

### BIBLIOGRAFIA:

BAXTER, Mike. **Projeto de produto:** guia prático para design de novos produtos. São Paulo: Edgard Blücher, 2003.

BIGGS-GOOD, Amanda. **Design de estamparia Têxtil.** Porto alegre: Bookman, 2014.

BURDEK, Bernhard E. **História, Teoria e prática do design de Produtos.** São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design.** São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

FEGHALI, Marta Kasznar; DWYER, Daniela. **As engrenagens da Moda.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio de Janeiro, 2001.

FISCHER, Anette. **Fundamentos do Design de moda: Construção de vestuário.** Porto Alegre: Bookman, 2010.

JONES Sue Jenkyn. **Fashion design: Manual do Estilista.** São Paulo: Cosacnaify, 2005.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas.** Lisboa: Edições 70, 2011.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

RICARD VINCENT, Françoise. **As espirais da moda.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SABINO, Marco. **O Dicionário da Moda.** Rio de Janeiro: Campus, 2006.

SEIVEWRIGHT, Simon. **Fundamentos do Design de moda: Pesquisa e design.** Porto Alegre: Bookman, 2009.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção.** Brusque: D. Treptow, 2003.

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

**03 – FUNDAMENTOS DA INDÚSTRIA E DO VESTUÁRIO**

**Carga horária total:** 96 horas

**Ementa:** Estudo e reflexão sobre a indústria de confecção. Aplicação do gerenciamento na linha de produção. Reflexão sobre as relações entre o controle de qualidade do produto e a produção do vestuário.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p><b>1 Indústria de Confecção</b></p>	<p>1.1 Papel da indústria e vestuário na conjuntura nacional e internacional 1.2 Mercado de moda: capacidade produtiva, produção, faturamento, empregos, oportunidades profissionais 1.3 Cadeia têxtil e seu desenvolvimento 1.4 Etapas do ciclo de desenvolvimento e produção do vestuário</p>
<p><b>2 Gerenciamento na Linha de Produção</b></p>	<p>2.1 Etapas do ciclo de desenvolvimento e produção do vestuário 2.2 Setores do processo de produção do vestuário 2.3 Níveis de planejamento: estratégico, tático e operacional 2.4 Perfil do consumidor e a projeção de consumo 2.7 Planos e estratégias de duração 2.8 Organizações formais e informais 2.9 Abordagem Sistemática 2.10 Estratégias para o aumento da produção</p>
<p><b>3 Controle de Qualidade Produto e Produção</b></p>	<p>3.1 Conceito de qualidade 3.2 A evolução do conceito de qualidade 3.3 Controle Estatístico 3.4 CQT: Controle de Qualidade Total 3.5 A evolução do CQT em relação ao CE 3.6 A necessidade de padronização 3.7 ISO 9000 e 9001: conceito, objetivo, operacionalidade, implantação, benefícios 3.8 ISO14000: programas sobre o meio ambiente e controle de qualidade 3.9 ABNT: Conceito, objetivos e contexto das normas técnicas 3.10 Normas do setor do vestuário 3.11 Inspeção de qualidade do produto e da linha de produção.</p>

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### BIBLIOGRAFIA:

CAMPOS, V. F. **Controle da Qualidade Total**. Fundação Christiano Ottoni, 1992.

CHIAVENATO, I. **Administração: Teoria, Processo e Prática**. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1985.

CHIAVENATO, I. **Introdução a Teoria Geral da Administração**. 6 Edição. Rio De Janeiro: Campus, 2000.

CORRÊA, V. **Serviços 5 Estrelas: Uma Introdução à Qualidade nos Serviços**. 1994.

ELIAS, Sérgio José Barbosa. **Os Sistemas de Planejamento e Controle da Produção das Indústrias de Confecções do Estado do Ceará - Estudo de Múltiplos Casos**. 1999.

HEMÉRITAS, A. B. **Organização e normas**. 5 ed. São Paulo, Atlas, 1989.

LIGER, Ilce. **Moda em 360 graus: design, matéria-prima e produção para o mercado global**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução a administração**. 6ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Atlas, 2004.

Normas ISSO 9000, 9001, 14000.

ROSA, M. P. **Material de apoio, disciplina de Planejamento e Controle de Produção**. Material de cunho didático.

SANVICENTE, Antônio Zorato; SANTOS, Celso da Costa. **Orçamento na Administração de Empresas: Planejamento e Controle**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1983.

## 04 – FUNDAMENTOS DO TRABALHO

**Carga horária:** 32 horas

**Ementa:** Estudo do trabalho humano nas perspectivas ontológica e histórica. Compreensão do trabalho como mercadoria no industrialismo e na dinâmica capitalista. Reflexão sobre tecnologia e globalização diante das transformações no mundo do trabalho. Análise sobre a inclusão do trabalhador no mundo do trabalho.

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Trabalho Humano</b>	1.1 Ser social, mundo do trabalho e sociedade 1.2 Trabalho nas diferentes sociedades 1.3 Transformações no mundo do trabalho 1.4 Homem, Trabalho e Meio Ambiente 1.5 Processo de alienação do trabalho em Marx 1.6 Emprego, desemprego e subemprego
<b>2 Tecnologia e Globalização</b>	2.1 Processo de globalização e seu impacto no mundo do trabalho 2.2 Impacto das novas tecnologias produtivas e organizacionais no mundo do trabalho 2.3 Qualificação do trabalho e do trabalhador
<b>3 Mundo do Trabalho</b>	3.1 Inclusão do trabalhador na nova dinâmica do trabalho 3.2 Inclusão dos diferentes – necessidades especiais e diversidade

**BIBLIOGRAFIA**

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensino sobre a afirmação e a negação do trabalho. 7. reimpr. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2005.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**: introdução, organização e seleção. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHESNAIS, François. **Mundialização do capital**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. 12. ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. São Paulo: Alba, [s/d].

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos da explicação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: T. A. Queiroz, 1980.

FERRETTI, Celso João. et al. (orgs). **Tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (orgs) **Ensino médio integrado: concepção e contradições.** São Paulo: Cortez, 2005.

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem.** 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GENRO, Tarso. **O Futuro por armar: democracia e socialismo na era globalitária.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GENTILI, Pablo. A educação para o desemprego. A desintegração da promessa integradora. In: Frigotto, Gaudêncio. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história.** trad. Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991.** Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1995.

JAMESON. Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KUENZER, Acácia Zeneida. A exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICÉ, José Luís. (org). **Capitalismo, trabalho e educação.** 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

LUKÁCS, György. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem.** In: Temas de ciências humanas. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, [s.n], 1978. vol. 4.

MARTIN, Hans Peter; SCHUMANN, Harald. **A armadilha da globalização: O assalto à democracia e ao bem-estar.** 6. ed. São Paulo: Globo, 1999.

MARX, Karl. **O capital.** vol. I. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **Brasil 2000: nova divisão do trabalho na educação.** São Paulo: Xamã, 2000.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e educação. In: FRIGOTTO, G. (org.) **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

**05 - HISTÓRIA DA MODA, ARTE E CULTURA**

**Carga horária total:** 96 horas

**EMENTA:** Definição de Moda, Arte e Cultura. Estudo das implicações sociais e culturais na evolução da moda. Aplicação da arte em função da moda no século XX. Introdução à Alta Costura. Estabelecimento de relações entre a indústria cultural e o comportamento de consumo. Estabelecimento de relações entre sociedade, cultura e moda.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Moda, Arte e Cultura</b>	1.1 Moda 1.2 Arte 1.3 Cultura
<b>2 Implicações sociais e culturais na moda</b>	2.1 Comportamento do homem ao longo da história em relação ao vestuário 2.2 Períodos da arte, contextos históricos e vestimentas da época: 2.2.1 Classicismo 2.2.2 Renascença 2.2.3 Modernismo
<b>3 Arte e Moda dos séculos XVIII a XX</b>	3.1 Estudo dos movimentos artísticos e suas influências na moda 3.2 Estudo da evolução do vestuário durante o século XX 3.3 Desenvolvimento histórico do vestuário e da moda durante o século XX e início do século XXI
<b>4 Alta Costura</b>	4.1 Conceito de Alta Costura 4.2 Nomes da Alta Costura 4.3 Alta costura na contemporaneidade 4.4 Regras da Alta Costura
<b>5 Indústria Cultural</b>	5.1 Retomada da definição de cultura: 5.1.1 Cultura de massa, cultura popular e erudita 5.1.2 Cultura nacional 5.1.3 Cultura regional 5.2 Movimentos artísticos expressivos no Brasil:

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

	cultura nacional e culturas regionais, costumes e influências culturais 5.3 Indústria cultural 5.4 Influência da cultura na comunicação e no comportamento de consumo
<b>6 Sociedade, Cultura e Moda</b>	6.1 Reflexos das duas grandes guerras na arte e na moda 6.2 Influências da guerra na arte 6.3 Influências da guerra na moda 6.4 A moda no pós-guerra 6.5 Século XXI: a sociedade e as novas perspectivas de produção na moda 6.6 Contemporaneidade: A moda nos tempos atuais

**BIBLIOGRAFIA:**

BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BENSTOCK, S.; FERRIS, S. **Por dentro da moda**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CAROL, S. **Arte Comentada**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CONDE, L. **A história do sapato no século XX**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Autores Paranaenses, 2007.

COSTA, C. **A Imagem da Mulher: um estudo de arte brasileira**. Rio de Janeiro: Senac, 2002.

DE CARLI, A. M. S. **O sensacional da moda**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2002.

JANSON, H.W. **Iniciação à história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOHLER, C. **História do vestuário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAVER, J. **A roupa e a moda – uma história concisa**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

**06- INFORMÁTICA APLICADA**

**Carga horária total:** 112 horas

**Ementa:** Aplicação dos conceitos básicos de sistemas operacionais de computação gráfica e da informática na indústria têxtil e confecção. Aplicação de Softwares na indústria têxtil de confecção. Detalhamento da Modelagem Computadorizada. Aplicação do desenho e de tópicos atuais de informática na indústria têxtil de confecção. Introdução ao bordado computadorizado.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Sistemas operacionais</b>	1.1 Introduzir os conceitos de sistemas operacionais proprietários Windows 1.2 Utilização dos sistemas operacionais Linux 1.3 Software de edição de texto 1.4 Software de planilha eletrônica 1.5 Hardware: arquitetura de computador e periféricos
<b>2 Informática</b>	2.1 Aplicativos 2.1.1 Utilitários 2.1.2 Conceito de aplicativos 2.1.3 Utilização de aplicativos 2.2 Hardware 2.2.1 Conceito de hardware 2.2.2 Funcionamento dos principais hardwares
<b>3 Softwares aplicados na Indústria têxtil de confecção</b>	3.1 Utilização de softwares aplicados a confecção do vestuário, acessórios, croquis, estampas e texturas 3.2 Conceitos básicos de sistemas de computação gráfica 3.3 Aplicação da informática na indústria têxtil e confecção 3.4 Sistema GIMP para tratamento de imagens, e criações
<b>4 Modelagem computadorizada</b>	4.1 Modelagem computadorizada 4.2 Audaces, Audaces plotter 4.3 Edição e operação de plotter

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

<b>5 Desenho e tópicos atuais de informática</b>	5.1 Corel Draw, Audaces Idea, Photoshop, Gimp 5.2 Utilização de programa gráfico (MODA 01)
<b>6 Bordado computadorizado</b>	6.1 Sistemas de bordado; 6.2 Wilcom, Barudan.

### BIBLIOGRAFIA:

ALVES, William Pereira. **Estudo Dirigido de Microsoft Office Access 2007**. São Paulo: Érica, 2007.

BOAR, Bernard H. **Tecnologia da informação**. São Paulo: Berkeley, 2002.

BOGHI, Cláudio. **Sistemas de informação**. São Paulo: Érica, 2002.

BOLIVAR, Oliver Ramos. **CorelDraw 10**. São Paulo: Escala, 2003.

BRAGA, William. **Informática Elementar Windows Vista + Excel 2007 + Word 2007**. Alta Books, 2007.

CAPRON, H. L. **Introdução a informática**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

HUNT, Tara. **The whuffie factor**. New York: Random House, 2009.

MANZANO, A.L.N.G. **Estudo dirigido de Microsoft Office Power Point 2003**. São Paulo: Érica, 2004.

MANZANO, M.I.N.G.; MANZANO, A.L.N.G. **Estudo dirigido de Microsoft Office 2007**. São Paulo: Érica, 2007.

MANZANO, A.L.N.G.; MANZANO, M.I.N.G. **Estudo dirigido de Informática Básica**. São Paulo: Érica, 2007.

MARCULA, M.; FILHO, P. A. B. **Informática: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Érica, 2007.

QUALMANN, Erik. **Socialnomics**. São Paulo: Saraiva, 2011.

RODRIGUES, Edvaldo. **Introdução a Informática**. Cianorte: Edição Digital, 2014.

SENAI, ET ALL. **Modelagem básica masculina e feminina sistema CAD Audaces**. São Paulo: Editora Senai, 2015.

SILVA, M. G. **Microsoft Office Power Point 2003, Office Acess 2003 e Office Excel 2003**. São Paulo: Érica.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

TAIT, Tatiana Fátima Calvi. **Aspectos sociais da informática**. Maringá: EDUEM, 2003.

TORRES, Gabriel. **Hardware Revisado**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2013.

TORRES, Gabriel. **Hardware Curso Completo I**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 1999.

### 07- MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS DO VESTUÁRIO

**Carga horária total:** 144 horas

**Ementa:** Desenvolvimento das técnicas de ajustagem e manutenção preventiva das máquinas industriais de confecção. Estabelecimento de relações entre a costura e suas fases e processos do vestuário.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Tecnologia da confecção</b>	1.1 Invenção da máquina de costura 1.2 Classificação das máquinas de costura industrial 1.3 Nomenclatura e funcionamento das máquinas de costura 1.4 Evolução da tecnologia da confecção 1.5 Fases e processos da costura 1.6 Cadeia industrial
<b>2 Máquinas de costura industrial</b>	2.1 Princípios de funcionamento das máquinas de costura industrial 2.2 Tipos de máquinas de costura industriais
<b>3 Ajustagem e Manutenção Preventiva</b>	3.1 Manutenção básica e limpeza de máquinas de costura 3.2 Manutenção preventiva das máquinas de costura 3.3 Regulagens, ajustes e sistema de lubrificação 3.4 Limpeza de peças e acessórios das máquinas 3.5 Tipos de pontos 3.6 Tipos de costura manual e bordas rebatidas com costura reta 3.7 Tipos de linhas e aviamentos 3.8 Técnicas de ajustagem

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Mário; CASTRO, Melo E. M. **Manual de Engenharia Têxtil**. Vol 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

ARAUJO, Mário. **Tecnologia do Vestuário**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

BIÉGAS, S.. **Fundamentos da Indústria do Vestuário**. Fundação de Ensino de Apucarana, Mantenedora do Centro Tecnológico de Desenvolvimento Profissional do Norte do Paraná –Centro Moda, Apucarana, março 2004.

FEGHALI, Mart kasznar; DWYER, Daniela. **As engrenagens da moda**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2010.

RODRIGUES, Ednilson Caetano. **Controle de Qualidade em Química Têxtil**. Rio de Janeiro: SENAI CETIQT, 1997.

SMITH, Alison. **O Grande Livro da costura**. Publifolha, 2014.

SOUZA, Sidney Cunha de. **Introdução à tecnologia da modelagem industrial**. Rio de Janeiro: SENAI CETIQT, 1997.

### 08- MATEMÁTICA APLICADA

**Carga horária total:** 64 horas

**Ementa:** Aplicação dos sistemas de numeração, operações e álgebra à confecção do vestuário.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Números e Álgebra</b>	1.1 Conjuntos Numéricos 1.2 Razão e Proporções diretas e inversas
<b>2 Tratamento da Informação</b>	2.1 Matemática Financeira 2.2 Estatística
<b>3 Números e Álgebra</b>	3.1 Matrizes e determinantes 3.2 Sistemas de equações
<b>4 Grandezas e Medidas</b>	4.1 Unidades de Medidas 4.2 Trigonometrias no triângulo retângulo
<b>5 Geometria</b>	5.1 Geometria Plana 5.2 Geometria Espacial 5.3 Geometria Analítica

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### BIBLIOGRAFIA

- BORBA, M. **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004. p.13-29.
- BORBA, M. C.; PENTEADO, M. G. **Informática e educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BOYER, C. B. **História da matemática**. São Paulo: Edgard Blücher, 1996.
- CARAÇA, B. J. **Conceitos fundamentais da matemática**. 4ª ed. Lisboa: Gradativa, 2002.
- COURANT, R., ROBBINS, H. **O que é matemática? Uma abordagem elementar de métodos e conceitos**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2000.
- D' AMBRÓSIO, B. **Como ensinar matemática hoje?** n. 2, ano II, Rio Claro: Temas e debates, 1989.
- D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Ática, 1998.
- DANTE, Luiz Roberto. **Matemática: contexto & aplicações**. V. 3. São Paulo: Ática, 2014.
- FILHO, Benigno Barreto; SILVA, Cláudio Xavier. **Matemática**. PNLEM, aprovado pelo MEC. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2003.
- GIOVANI, J. R. ; BONJORNO, J. R. **Matemática Completa 2ª Série**. 2. ed. renovada. São Paulo: FTD, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Matemática fundamental: uma nova abordagem: ensino médio: volume único/ José Ruy Giovani, José Roberto Bonjorno**. São Paulo: FTD, 2002.
- IEZZI, Gelson et al.. **Matemática: volume único**. São Paulo: Atual, 2002.
- LOURENÇO, Márcia; SILVA, Ana Paula. **Matemática elementar: lembrando e exercitando**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2007.
- PARANÁ. **Diretrizes Curriculares de Matemática para a Educação Básica**. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba, 2006.
- SOUZA, Joamir Roberto de. **Novo olhar matemática**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2010. Coleção Novo Olhar; v. 3.
- ZUIN, Elenice de Souza Lodron. **Construções geométricas, um saber escolar novamente para todos?** In: SEMANA DA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFMG, 3, 2002, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. Anais eletrônico.

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

**09- MATERIAIS TÊXTEIS E AVIAMENTOS**

**Carga horária total:** 96 horas

**Ementa:** Estudo da origem, beneficiamento e evolução dos tecidos. Motivos e padrões de estamparia utilizados na confecção de vestuário e acessórios.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p><b>1 Origem, beneficiamento e evolução dos tecidos</b></p>	<p>1.1 História dos tecidos: Linho, Algodão, Lã e Seda 1.2 Principais características dos tecidos 1.3 Processos de fiação de filamento e fibras têxteis 1.4 Classificação das fibras e filamentos têxteis naturais, artificiais e sintéticos 1.5 Origem e características das fibras químicas e sintéticas 1.6 Processos químicos de fabricação de fibras e filamentos “man-made” 1.7 Não tecidos e malhas utilizados na indústria do vestuário 1.8 Processos de malharia circular e retilínea 1.9 Tecelagem do tecido 1.12 Tipos de teares</p>
<p><b>2 Beneficiamento Têxtil</b></p>	<p>2.1 Etapas do beneficiamento têxtil 2.2 Processo e diversidades de tintura 2.3 Tintura têxtil 2.4 Beneficiamentos aplicados aos materiais têxteis 2.5 Manipulação e propriedades dos materiais têxteis 2.6 Manipulação dos aviamentos utilizados na cadeia têxteis</p>
<p><b>3 Estamparia Têxtil</b></p>	<p>3.1 Tingimento e coloração de materiais têxteis 3.2 Equipamentos para estamparias têxteis 3.3 Estamparias têxteis 3.4 Preparação para a estamparia 3.5 Padronagem de estamparia, raport e padrões de repetição.</p>

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR NETO, Pedro Pita. **Fibras Têxteis**. Rio de Janeiro: SENAI – CETIQT, Vol I e II, 1996.
- BRIGGS-GOODER, A. **Design de estamparia têxtil**. Porto Alegre: Bookman, 2014.
- CATELLANI, Maria Regina. **Moda Ilustrada de A a Z**. São Paulo: Manole, 1987.
- CHTAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.
- CLIVE, Edward. **Como Compreender Design Têxtil - Guia Rápido Para Atender Estampas e Padronagens**. São Paulo: Senac.
- JONES, Sue Jenkyn. **Fashion design: manual do estilista**. São Paulo: Cosac Naify, 2005
- OLIVETE, Ana Luiza; PEREIRA, Paula Virgínia de Britto Lopes; ARRUDA, Káthia Oliveira. **Fundamentos da costura: (acabamentos)**. 2.ed. Brasília (DF): LK Editora, 2011.
- OSORIO, Ligia. **Modelagem: organização e técnicas de interpretação**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.
- PESSOLO, Dinah Bueno, **Tecidos - História , Tramas , Tipos e Usos**. 4. Ed. São Paulo: Senac, 2013.
- RIBEIRO, Luiz Gonzaga. **Introdução à tecnologia têxtil**. Vol. II Rio de Janeiro: SENAI – CETIQT, 1987.
- SISSONS, J. S. M. **Malharia: produção de tecidos em malha**. Porto Alegre: Bookman, 2012. (Coleção Fundamentos de Design de Moda, v.6).
- UDALE, J. **Tecidos e moda: explorando a integração entre o design têxtil e o design de moda**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. (Série Fundamentos de Design de Moda, 2).

### 10– MODELAGEM E PRODUÇÃO INDUSTRIAL

**Carga horária total:** 176 horas

**Ementa:** Introdução à modelagem manual industrial feminina, masculina e infantil. Técnicas de gradação manual. Introdução à modelagem Audaces e RZ Cad industrial.

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICO
<b>1. Modelagem manual industrial feminina, masculina e infantil</b>	1.1 Introdução à Modelagem e a produção industrial 1.2 Histórico da modelagem
<b>2 Medidas da figura humana</b>	2.1 Antropometria 2.2 Técnicas de mensuração das várias partes do corpo humano e estudo das suas relações 2.3 Como tirar medidas do corpo humano 2.4 Materiais necessários para elaborar modelagens 2.5 Tabelas de medidas para confecção feminina, masculina e infantil 2.6 Técnicas de desenvolvimento de bases para roupas masculinas e femininas em tecido plano 2.7 Interpretação de moldes 2.8 Técnicas de desenvolvimento de bases para tecido plano infantil 2.9 Modelagem em malharia, body, camisetas e leggings 2.10 Moda praia e fitness 2.11 Introdução à <i>lingerie</i> 2.12 Modelagem de chapéus e bonés
<b>3 Técnicas de Graduação Manual</b>	3.1 Técnicas de graduação: ampliação, redução e encaixe dos moldes
<b>4 Introdução à Modelagem Audaces e RZ Cad Industrial</b>	4.1 Programa Audaces 4.2 Desenvolvimento de base: saia reta, blusa e vestido 4.3 Desenvolvimento de base de calça tradicional 4.4 Ampliação e Redução da base do vestido e calça 4.5 Encaixe de modelos 4.6 Plotagem de modelos

**BIBLIOGRAFIA:**

A BIBLIA DA COSTURA - **O Passo a passo de técnicas para fazer roupas e acessórios/** tradução Alessandra Mussi .et al - RJ. Seleções do Reader's Digest Association ,2009.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 12720** – Artigo confeccionado em tecido de malha – tolerâncias de medidas. Rio de Janeiro, 1995.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 13377** – Medidas do corpo humano para vestuário – padrões referenciais. Rio de Janeiro, 1995.

DUARTE, Sônia; SAGGESE, Sylvia. **Modelagem Industrial Brasileira**. Rio de Janeiro: Guarda-Roupa, 2010.

\_\_\_\_\_, S. **Mib - Modelagem Industrial Feminina** - Tabela de Medidas. Editora Guarda Roupa.

FULCO, Paulo de Tarso. **Modelagem Plana Masculina**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2008 3ª reimpressão.

FULCO, Paulo de Tarso. **Modelagem Plana Feminina**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2012.

GRAVE, Maria de Fátima. **A modelagem sob ótica da ergonomia**. 2. ed. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas, 2003.

GRAVE, Maria de Fatima. **Modelagem Tridimensional Ergonômica**, Editora Escrituras, 2010.

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion Design – manual do estilista**, 3ª edição editora Coisac Naipy SP, 2011.

MALUF, E.; KOLBE, W. **Dados Técnicos para a Indústria Têxtil**. 2. ed. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas. 2003.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. Lisboa: Edições 70, 2011.

NAKAMICHI, Tomoko, tradução de Ana Resende. Pattern Magic 2 **A magia da Modelagem**. Editora G. Gili Ltda sp. 1ª Edição 2012

OSORIO, Ligia. **Modelagem: organização e técnicas de interpretação**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

PESSOA, M. **Modelagem Plana Masculina: Métodos de Modelagem**. SENAC.

SABRÁ, Flavio. **Modelagem: tecnologia em produção do vestuário**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

SATO, Hisako. Tradução Michele Augusto. **Drapeados: a arte de modelar roupas**. Editora G.Gili Ltda. SP, 2014.

SCHULTZ, Ellen, Justina Blakeney, Faith Blakeney, Anka Livakovic. **99 Formas de cortar, costurar, franzir, amarrar sua camiseta, transformando-a em algo especial**. São Paulo: editora Senac, 2009.

SOUZA, Sidney Cunha de. **Introdução à tecnologia da modelagem industrial**. São Paulo: estação das Letras e Cores. 2009.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### 11– PLANEJAMENTO E CONTROLE DA PRODUÇÃO DO VESTUÁRIO

**Carga horária total:** 64 horas

**Ementa:** Aplicação dos princípios e componentes do planejamento da capacidade produtiva. Análise da visão geral dos sistemas de produção. Estudo do planejamento da produção. Análise de estoques. Fundamentação do orçamento. Detalhamento de custos.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICO
<b>1. Planejamento da Capacidade Produtiva - PCP</b>	1.1 Fundamentos e análise da capacidade produtiva 1.2 Funções estratégicas do PCP 1.3 Relação do PCP com outros setores da empresa
<b>2. Sistemas de Produção</b>	2.1 Introdução ao Sistema de Produção 2.2 Sistema e mercado financeiro 2.3 Fontes de financiamento de curto e de longo prazo; 2.4 Custos de capital
<b>3. Planejamento da Produção</b>	3.1 Conceito e finalidade do Planejamento de Produção 3.2 Fases e elaboração do plano de produção 3.3 Controle e programação da produção 3.4 Fichas técnicas do planejamento da produção 3.5 Tabelas e planilhas da produção 3.6 Métodos de previsão de demanda 3.7 Avaliação e escolha dos métodos de previsão de demanda
<b>4. Estoques</b>	4.1 Distribuição e suprimentos 4.2 Gestão de estoques
<b>5. Orçamento</b>	5.1 Introdução e princípios do Orçamento 5.2 Orçamentos de: vendas, mão de obra, capital e produção 5.3 Orçamento como controle de Gestão 5.4 Planejamento de Orçamentos 5.5 Orçamento de vendas 5.6 Orçamento de produção no vestuário

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

<b>6. Custos</b>	6.1 Custos e Despesas 6.2 Custos Indiretos e Diretos 6.3 Formação do custo 6.4 Rateio dos custos
------------------	---

### BIBLIOGRAFIA

AGUSTINI, Carlos Alberto Di. **Capital de Giro**. São Paulo: Atlas, 1999.

ÂNGELO, C. F. de.; SILVEIRA, J. A. G. da. **Finanças no varejo**: Gestão operacional. São Paulo: Atlas, 1997.

ASSAF NETO, A. **Matemática financeira e suas aplicações**. São Paulo: Atlas, 1998.

\_\_\_\_\_**Administração do capital de giro**. São Paulo. Atlas, 1997

\_\_\_\_\_**Mercado financeiro**. São Paulo: Atlas, 2003.

BRAGA, R. **Fundamento e Técnicas de Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 1998.

BRIMSON, James A. **Contabilidade por atividade**: uma abordagem de custeio baseado em atividades. São Paulo: Atlas, 1996.

CASAROTTO FILHO, Nelson; KIPITKE, Bruno Hartmut. **Análise de Investimentos**. São Paulo: 2000.

CHIAVENATO, I. **Introdução à Teoria da Administração**. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CHING, Hong Y. **Gestão baseada em custeio por atividades**. São Paulo: Atlas, 1995.

HOJI, Masakazu. **Administração Financeira**: uma abordagem prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LUSTOSA , Leonardo; MESQUITA, Marco Oliveira. **Planejamento e Controle da Produção**. Elsevier Brasil, 2008.

MARTINS, E. **Contabilidade**

**de custos**. São Paulo: Atlas, 1998.

MARTINS, Petrônio G.; LAUGENI, Fernando P. **Administração da produção**. 2. ed. rev, aum. e atual. São Paulo: Saraiva, 2005.

SLACK, Nigel et al. **Administração da produção**. São Paulo: Atlas, 1997.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

TUBINO, Dalvio F. **Manual de Planejamento e Controle da Produção**. São Paulo: 2000.

WELSCHE, G. A. **Orçamento Empresarial**: planejamento e controle do lucro. São Paulo: USP, 1996.

### 12 – RISCO E CORTE DA CONFECÇÃO INDUSTRIAL

**Carga horária total:** 96 horas

**Ementa:** Estudos necessários do setor do corte da confecção. Trabalhando o sistema CAD e plotagem de peças. As técnicas de risco, enfesto e corte aplicadas na confecção industrial.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Manuseio e estocagem de tecido</b>	1.1 Técnicas de manuseio e estocagem de tecidos 1.2 Métodos de trabalhar com tecidos diversos 1.3 Técnicas de separação de corte 1.4 Técnicas de etiquetagem 1.5 Controle de qualidade (tecidos)
<b>2 Introdução ao Risco e Encaixe</b>	2.1 Técnicas e métodos de Risco 2.2 Risco no molde e tecido 2.3 Estrutura de Tecidos 2.4 Tipos de encaixe 2.5 Técnica de encaixe manual
<b>3 Enfesto</b>	3.1 Métodos de enfesto 3.2 Tipos de enfesto 3.3 Cálculos de enfesto
<b>4 Planejamento e Setor de corte</b>	4.1 Conceitos e métodos de corte na indústria de confecção 4.2 Profissionais e tarefas do corte 4.3 Técnicas de corte de piloto 4.4 Planejamento de ordem de corte 4.5 Técnicas de construção de corte das peças de acordo com a ordem da produção 4.6 Espaço físico na sala de corte 4.7 Máquinas e equipamentos de corte, entretelamento, risco e enfesto 4.8 Controle de qualidade no setor de corte 4.9 Etiquetagem e separação de lotes

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

<b>5 Processo de Entretelamento</b>	5.1 Tipos de entretelas 5.2 Função da entretela 5.3 Risco, enfesto e corte da entretela
<b>6 Sistema CAD e Plotagem</b>	6.1 Sistema Audaces, RZ Cad e Plotter 6.2 Encaixe e plotagem da modelagem 6.3 Encaixe manual e automático no sistema 6.4 Encaixe tecidos xadrez e listas 6.5 Encaixe de tecidos tubulares

### BIBLIOGRAFIA:

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 9397 – Tipos de Costura – Classificação. Rio de Janeiro, 1986.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 12961 - Máquinas de costura-determinação do número de pontos por centímetro. Rio de Janeiro, 1993.

A BIBLIA DA COSTURA - **O Passo a passo de técnicas para fazer roupas e acessórios/** tradução Alessandra Mussi .et al - RJ. Seleções do Reader's Digest Association ,2009.

AJUS, M. N. H; AJUS, C. A. T. **Corte e Confecção**. Rio de Janeiro: Letras e Expressões, 1998.

BARRETO, Antonio Amaro Menezes. **Qualidade e produtividade na indústria de confecção** : uma questão de sobrevivência. Londrina: Midiograf, 1997.

BLAKENEY Faith, Justina Blakeney e Ellen Schultz. Tradução Peter Muds. **99 formas de cortar, costurar e enfeitar seu jeans**. Editora Senac, SP, 2009.

BUENO , Dinah. **Tecidos**: história, tramas, tipos e usos.São Paulo: Senac, 2008.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a Fio: tecidos, moda e linguagem** . São Paulo: Estação das Letras, 2006.

FISCHER, Anette. **Fundamentos de Design de moda**: Construção do vestuário. Porto Alegre: Bookman, 2010.

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion Design -manual do estilista** . 3ª. Edição. São Paulo: Editora Coisac Naipy, 2011.

LIMEIRA, Erika Thalita Navas Pires. **Planejamento De Risco E Corte**. São Paulo: Ed érica, 2014.

OLIVETE, Ana Luiza; PEREIRA, Paula Virgínia de Britto Lopes; ARRUDA, Káthia Oliveira. **Fundamentos da costura**: (acabamentos). 2. ed. Brasília (DF): LK Editora, 2011.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

OLIVETE, Ana Luiza; PEREIRA, Paula Virgínia de Britto Lopes; ARRUDA, Kátia Oliveira. **Fundamentos da costura: princípios básicos** . 2. ed. Brasília (DF): LK Editora, 2010.

QUINZLER, G. **Curso Técnico Têxtil**. Trad. Dieter Radl e Jacob Furtner. São Paulo: E.P.U./Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

RIGUEIRAL, Carlota; RIGUEIRAL, Flávio. **Design & moda: como agregar valor e diferenciar sua confecção** . São Paulo: IPT; Brasília, DF: Ministério da Indústria e Comércio, 2002.

SABINO, Marco. **O Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro:Campus, 2006.

SCHULTZ, Ellen, Justina Blakeney, Faith Blakeney, Anka Livakovic . **99 Formas de cortar, costurar, franzir, amarrar sua camiseta, transformando-a em algo especial**. editora Senac, São Paulo, 2009.

SOUZA, SIDNEY CUNHA DE. **Introdução à Tecnologia da Modelagem Industrial**, CNPq -IBICT -PADCIT -TIB, SENAI CETIQT. Rio de Janeiro, 1997.

### 13- SEGURANÇA E SAÚDE OCUPACIONAL

**Carga horária total:** 32 horas

**Ementa:** Aplicação das normas de segurança e saúde na organização do trabalho.  
Estudo da biomecânica ocupacional.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1 Organização do Trabalho</b>	1.1 Introdução e histórico da segurança e saúde ocupacional 1.2 Visão da ergonomia sobre segurança do trabalho 1.3 Normas Regulamentadoras - NR 01, NR 05 e NR 06 1.4 Aplicações e uso de EPI's e EPC, norma de fabricação e venda 1.5 CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes 1.6 Melhorias nas condições de trabalho, segurança, saúde e produtividade 1.7 Periculosidade e insalubridade 1.8 Classificação dos riscos ambientais 1.9 Mapas de riscos

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

<b>2 Biomecânica e Doenças Ocupacionais</b>	2.1 Corpo humano e os movimentos corporais 2.2 A postura no trabalho 2.3 DORT - Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho 2.4 Distúrbios causados pelo Ruído 2.5 OMS - Organização Mundial da Saúde
---	---

### BIBLIOGRAFIA:

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISSO 18801: Sistema de Saúde e Segurança do Trabalho** – requisitos. Rio de Janeiro, 2010.

BENITE, Anderson Glauco. **Sistemas de Gestão da Segurança e Saúde no Trabalho**. São Paulo: O Nome da Rosa, 2005

Brasil. **Ministério do Trabalho e Emprego NR 12** – Segurança no trabalho em máquinas e equipamentos. Brasília: Ministério do trabalho e Emprego, 2016. Disponível em <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR12/nr12atualizada2016.pdf>>. Acesso em: 17/09/2016.

Brasil. **Ministério do Trabalho e Emprego NR 15** – Atividades e operações insalubres. Brasília: Ministério do trabalho e Emprego, 2016. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR15/NR15-ANEXO15.pdf>>. Acesso em: 17/09/2016.

Brasil. **Ministério do Trabalho e Emprego NR 16** – Atividades e operações perigosas. Brasília: Ministério do trabalho e Emprego, 2016. Disponível em <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR16.pdf>>. Acesso: 17/09/2016.

Brasil. **Ministério do Trabalho e Emprego NR 5** – Comissão interne de prevenção de acidentes. Brasília: Ministério do trabalho e Emprego, 2016. Disponível em <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR5.pdf>>. Acesso: 17/09/2016.

Brasil. **Ministério do Trabalho e Emprego NR 6** – Equipamentos de proteção individual (EPI). Brasília: Ministério do trabalho e Emprego, 2016. Disponível em <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR6.pdf>>. Acesso: 17/09/2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho: Manual de Procedimentos para Serviços de Saúde**, Ministério da Saúde, 2001.

CAMILLO JR., Abel Batista. **Manual de prevenção e combate a incêndios**. 14.ed. São Paulo: SENAC, 2012.

CARDELLA, Benedito. **Segurança no Trabalho e Prevenção de Acidentes: uma abordagem holística**. Segurança integrada à missão organizacional com

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

produtividade, qualidade, preservação ambiental e desenvolvimento de pessoas. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, D. C. et al. **Manual de Segurança e Saúde no Trabalho**. 6ª edição. São Paulo: LTr Editora, 2015.

GRANDJEAN, Etienne. **Manual de ergonomia: adaptando o trabalho ao homem**. 5.ed. São Paulo: Bookman, 2009.

HOEPPNER, M. G. **Normas Regulamentadoras Relativas à Segurança e Medicina do Trabalho**. 6ª Ed. São Paulo: Ícone, 2015.

KROEMER, Karl H. E.; GRANDJEAN, Etienne. **Manual de ergonomia: adaptando o trabalho ao homem**. Tradução Lia Buarque de Macedo Guimarães. 5. ed. Porto Alegre: Bookman (Selo da Editora Artmed), 2005.

MICHEL, Oswaldo. **Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais**. São Paulo: LTr Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. **Guia de Primeiros Socorros: para cipeiros e serviços especializados em medicina, engenharia e segurança do trabalho**. São Paulo: LTr, 2002.

MONTEIRO, A.L.; BERTAGNI, R.F.S. **Acidentes do Trabalho e Doenças Ocupacionais**. São Paulo: Saraiva, 2004.

PACHECO, Jr Valdemar. **Gestão da Segurança e Higiene no Trabalho**. Editora Atlas, 1998.

SEIFERT, Mari Elizabete Bernardine. **Sistemas de gestão ambiental e sistema de segurança ocupacional**. São Paulo: Atlas, 2013.

SZABO JÚNIOR, Adalberto Mahai. **Manual de segurança, higiene e medicina do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Rideel, 2013.

### b. Plano de Estágio

Este curso não prevê estágio supervisionado.

### c. Descrição das práticas profissionais previstas

Descrever quais as práticas serão realizadas ao longo do curso para efetivação da relação teoria-prática, tais como: palestras, visitas, seminários, projetos, projetos interdisciplinares entre outros.

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

**d. Matriz Curricular**

**MATRIZ CURRICULAR PADRÃO**

<b>Matriz Curricular</b>						
<b>Estabelecimento:</b>						
<b>Município:</b>						
<b>Curso:</b> TÉCNICO EM VESTUÁRIO						
<b>Forma:</b> SUBSEQUENTE				<b>Implantação:</b> Implantação gradativa a partir do ano 2019		
<b>Turno:</b> MANHÃ, TARDE OU NOITE				<b>Carga horária:</b> 1200 horas		
				<b>Organização:</b> Semestral		
N.	COD. SAE	DISCIPLINAS	SEMESTRES			HORAS
			1º	2º	3º	
1	1911	Desenho Técnico	32	32	32	96
2	872	Design e Criação do Vestuário	32	32	32	96
3	873	Fundamentos da Indústria e do Vestuário	32	32	32	96
4	3514	Fundamentos do Trabalho	32			32
5	874	História da Moda, Arte e Cultura	32	32	32	96
6	4420	Informática Aplicada	48	32	32	112
7	875	Máquinas e Equipamentos do Vestuário	32	48	64	144
8	204	Matemática Aplicada	32	32		64
9	876	Materiais Têxteis e Aviamentos	32	32	32	96
10	877	Modelagem e Produção Industrial	64	64	48	176
11	878	Planejamento e Controle da Produção do Vestuário		32	32	64
12	879	Risco e Corte da Confecção Industrial	32	32	32	96
13	4316	Segurança e Saúde Ocupacional			32	32
<b>TOTAL</b>			<b>400</b>	<b>400</b>	<b>400</b>	<b>1200</b>

**PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

**MATRIZ CURRICULAR OPERACIONAL**

<b>Matriz Curricular</b>					
<b>Estabelecimento:</b>					
<b>Município:</b>					
<b>Curso:</b> TÉCNICO EM VESTUÁRIO					
<b>Forma:</b> SUBSEQUENTE				<b>Implantação:</b> Implantação gradativa a partir do ano 2019	
<b>Turno:</b> MANHÃ, TARDE OU NOITE				<b>Carga horária:</b> 1200 horas	
				<b>Organização:</b> Semestral	
N.	COD. SAE	DISCIPLINAS	SEMESTRES		
			1º	2º	3º
1	1911	Desenho Técnico	2	2	2
2	872	Design e Criação do Vestuário	2	2	2
3	873	Fundamentos da Indústria e do Vestuário	2	2	2
4	3514	Fundamentos do Trabalho	2		
5	874	História da Moda, Arte e Cultura	2	2	2
6	4420	Informática Aplicada	3	2	2
7	875	Máquinas e Equipamentos do Vestuário	2	3	4
8	204	Matemática Aplicada	2	2	
9	876	Materiais Têxteis e Aviamentos	2	2	2
10	877	Modelagem e Produção Industrial	4	4	3
11	878	Planejamento e Controle da Produção do Vestuário		2	2
12	879	Risco e Corte da Confecção Industrial	2	2	2
13	4316	Segurança e Saúde Ocupacional			2
<b>TOTAL</b>			<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### e) Orientações Metodológicas

#### 1 INTRODUÇÃO

Tomando como referência as “Diretrizes Curriculares da Educação Profissional para a Rede Pública do Paraná”, é importante apresentar os encaminhamentos metodológicos como parte integrante do Plano de Curso **Técnico em Vestuário**, para organização das práticas pedagógicas a serem desenvolvidas ao longo do curso.

Considerando que as ações pedagógicas dos professores de acordo com as Diretrizes supracitadas objetivam atender as necessidades dos estudantes, tendo em vista o perfil profissional, o compromisso com a formação profissional e da cidadania, a apropriação dos conhecimentos, a reflexão crítica e a autonomia, faz-se necessário assumir a concepção da Educação Profissional e seus princípios:

#### **O trabalho como princípio educativo**

O trabalho enquanto categoria ontológica explica que o homem é diferente dos outros animais, pois é por meio da ação consciente do trabalho, que o homem é capaz de criar a sua própria existência. Portanto, é na relação Homem-Homem e Homem-Natureza, que se situa a compreensão da escola politécnica na Educação Profissional.

A organização curricular integrada da Educação Profissional, considerando a categoria do TRABALHO, agrega como elementos integradores a CIÊNCIA, a CULTURA e a TECNOLOGIA, pois a:

- CIÊNCIA é produção de conhecimentos sistematizados social e historicamente pelo homem.
- CULTURA, o processo dinâmico de criação e representações sociais manifestas pelo homem por meio de símbolos.

## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

- **TECNOLOGIA**, a construção social que decorre das relações sociais, ou seja, das organizações políticas e econômicas da sociedade. A tecnologia é “mediação entre ciência (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção) no real”. (RAMOS, 2004; 2005 apud BRASIL, 2007, p. 44).

Essas dimensões articuladas devem promover o equilíbrio entre atuar praticamente e trabalhar intelectualmente.

Assim, o tratamento metodológico deve privilegiar a relação entre teoria e a prática e entre a parte e a totalidade, fazendo com que haja integração entre os conteúdos nas dimensões disciplinar e interdisciplinar.

### **O princípio da integração**

A integração é o princípio norteador da práxis pedagógica na Educação Profissional e articula as dimensões disciplinar e interdisciplinar

Disciplinar significa os campos do conhecimento que podemos reconhecê-los como sendo os conteúdos que estruturam o currículo – conteúdos estruturantes.

As disciplinas, por sua vez, são os pressupostos para a interdisciplinaridade, na medida em que as relações que se estabelecem por meio dos conceitos da relação teoria e prática extrapolam os muros da escola e, permitem ao estudante a compreensão da realidade e dos fenômenos inerentes a ela para além das aparências:

A interdisciplinaridade, como método, é a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade; isto é, dos diversos campos da ciência representados em disciplinas. (RAMOS, 2007)

Assim, os encaminhamentos metodológicos exigem uma organização dos conteúdos que permita aos estudantes se apropriarem dos conceitos fundamentais das disciplinas no contexto da interdisciplinaridade e da integração.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### 2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Os encaminhamentos metodológicos devem considerar os princípios e concepção da integração, na perspectiva de garantir uma formação politécnica aos estudantes da Educação Profissional.

A politecnia nesse contexto significa dominar os princípios da ciência e as suas diferentes técnicas, no contexto do processo produtivo – TRABALHO, e não no seu sentido restrito do conjunto de muitas técnicas.

Nesse sentido, a intervenção do professor por meio do ato de ensinar deve ser intencional na medida em que ele se compromete com uma educação de qualidade e uma formação profissional para o mundo do trabalho. Assim, é importante ressaltar também o papel da escola e, para tanto, o reafirmamos com Libâneo:

[...] a escola tem, pois o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Junto a isso tem também o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos presentes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade (LIBÂNEO, 1998, p. 9)

Os conteúdos aqui mencionados não são quaisquer conteúdos, trata-se dos “conhecimentos construídos historicamente e que se constituem, para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais se podem construir novos conhecimentos no processo investigativo e compreensão do real.” (RAMOS, 2005, p.107). Portanto, como **encaminhamentos metodológicos** indicam-se as proposições apontadas por Marise Ramos:

#### 2.1 Problematização dos Fenômenos

Trata-se de usar a metodologia da problematização, no sentido de desafiar os estudantes a refletirem sobre a realidade que os cerca na perspectiva de buscar soluções criativas e originais para os problemas que se apresentam a respeito dessa realidade:

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

*Problematizar fenômenos – fatos e situações significativas e relevantes para compreendermos o mundo em que vivemos, bem como processos tecnológicos da área profissional para a qual se pretende formar [...] como **ação prática**.*

Isso significa:

- Elaborar questões sobre os fenômenos, fatos e situações.
- Responder às questões elaboradas à luz das teorias e conceitos já formulados sobre o(s) objeto(s) estudados – conteúdos de ensino.

### 2.2 Explicitação de Teorias e Conceitos

A partir de uma situação problema indicada para reflexão, análise e solução, deixar claro para os estudantes quais conceitos e quais teorias dão suporte para a apreensão da realidade a ser estudada:

*Explicitar teorias e conceitos fundamentais para a compreensão do(s) objetivo(s) estudados nas diversas perspectivas em que foi problematizada.*

Nesse sentido, é importante:

- Localizá-los nos respectivos campos da ciência (áreas do conhecimento, disciplinas científicas e/ou profissionais).
- Identificar suas relações com outros conceitos do mesmo campo (disciplinaridade) e de campos distintos do saber (interdisciplinaridade).

### 2.3 Classificação dos Conceitos–Conhecimentos

Os “conhecimentos desenvolvidos na perspectiva da sua utilização pelas pessoas são de **formação geral** e fundamentam quaisquer **conhecimentos específicos** desenvolvidos com o objetivo de formar profissionais”.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

*Situar os conceitos como conhecimentos de formação geral e específica, tendo como referência a base científica dos conceitos e sua apropriação tecnológica, social e cultural.*

Nessa dimensão, estarão os conhecimentos que, uma vez apropriados, permitem às pessoas formularem, agirem, decidirem frente a situações próprias de um processo produtivo. Esses conhecimentos correspondem a desdobramentos e aprofundamentos conceituais restritos em suas finalidades e aplicações, bem como as técnicas procedimentais necessárias à ação em situações próprias a essas finalidades.

### **d) Organização dos Componentes Curriculares e as Práticas Pedagógicas**

As opções pedagógicas implicam em redefinir os processos de ensino, pensando no sujeito que aprende (estudante) de modo a considerar a realidade objetiva (totalidade histórica).

*Organizar os componentes curriculares e as práticas pedagógicas, visando a corresponder, nas escolhas, nas relações e nas realizações, ao pressuposto da totalidade do real como síntese das múltiplas determinações.*

São ações pedagógicas no contexto dos processos de ensino

- *Proposições de desafios e problemas.*
- *Projetos que envolvam os estudantes, no sentido de apresentar ações resolutivas – projetos de intervenção.*
- *Pesquisas e estudos de situações na perspectiva de atuação direta na realidade.*

Os pressupostos que dão suporte ao currículo ancorado nos encaminhamentos metodológicos apresentados, de fato, se diferenciam de um currículo que tem como referência a reprodução de atividades na perspectiva do currículo tradicional que cinde com o princípio da integração. (RAMOS, 2005, p.122)

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação especial. In: **Revista Brasileira de Educação profissional e tecnológica**. Brasília: MEC, SETEC, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da Educação Profissional: fundamentos políticos e pedagógicos**. Curitiba: SEED/PR, 2006.

\_\_\_\_\_. **Orientações Curriculares para o Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em Nível Médio na Modalidade Normal**. Curitiba: SEED/ PR, 2014.

RAMOS, Marise Nogueira. O projeto de ensino médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

\_\_\_\_\_. (org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. (org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. Concepção do Ensino Médio Integrado, São Paulo, 2007. Disponível em:  
< [http://www.iiep.org.br/curriculo\\_integrado.pdf](http://www.iiep.org.br/curriculo_integrado.pdf)>. Acesso em 20/07/2015.

## IX – SISTEMA DE AVALIAÇÃO E CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS, COMPETÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

### 1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

#### 1.1 DA CONCEPÇÃO

Os pressupostos apontados pela legislação indicam uma concepção de avaliação ancorada nos princípios da educação politécnica e omnilateral, que considera o sujeito da aprendizagem um ser histórico e social, capaz de intervir na realidade por meio dos conhecimentos apropriados no seu percurso formativo.

## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

Sendo assim, se a Educação Profissional se pauta no princípio da integração, não se pode e não se deve avaliar os estudantes de forma compartimentalizada.

Formação integral significa pensar o sujeito da aprendizagem “por inteiro”, portanto avaliação contextualizada na perspectiva da unidade entre o planejamento e a realização do planejado. Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem é parte integrante da prática educativa social.

Além do princípio da integração, a avaliação da aprendizagem nessa concepção, ancora-se também nos princípios do TRABALHO, numa perspectiva criadora ao possibilitar o homem trabalhar com o novo, construir, reconstruir, reinventar, combinar, assumir riscos, após avaliar, e, da CULTURA, pois adquire um significado cultural na mediação entre educação e cultura, quando se refere aos valores culturais e à maneira como são aceitos pela sociedade.

A sociedade não se faz por leis. Faz-se com homens e com ciência. A sociedade nova cria-se por intencionalidade e não pelo somatório de improvisos individuais. E nessa intencionalidade acentua-se a questão: A escola está em crise porque a sociedade está em crise. Para entender a crise da escola, temos que entender a crise da sociedade. E para se entender a crise da sociedade tem-se que entender da sociedade não apenas de rendimento do aluno em sala de aula. Expandem-se, assim, as fronteiras de exigência para os homens, para os professores; caso os mesmos queiram dar objetivos sociais, transformadores à educação, ao ensino, à escola, à avaliação. (NAGEL, 1985, p. 30)

Nessa perspectiva, a avaliação revela o seu sentido pedagógico, ou seja, revela os resultados das ações presentes, as possibilidades das ações do futuro e as práticas que precisam ser transformadas.

### **1.2 DAS DIMENSÕES**

A partir da concepção de avaliação anteriormente apresentada, decorrem as práticas pedagógicas, em uma perspectiva de transformação, onde as ações dos professores não podem ser inconscientes e irrefletidas, mas transparentes e intencionais. Nesse sentido, apresentam-se as três dimensões da avaliação que atendem esses pressupostos:

## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

### **a) Diagnóstica**

Nessa concepção de avaliação, os aspectos qualitativos da aprendizagem predominam sobre os aspectos quantitativos, ou seja, o importante é o diagnóstico voltado para as dificuldades que os estudantes apresentam no percurso da sua aprendizagem. Nesse sentido, é importante lembrar que o diagnóstico deve desconsiderar os objetivos propostos, metodologias e procedimentos didáticos.

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista a tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. (LUCKESI, 1995, p. 81)

Nesse sentido, considerando a principal função da escola que é ensinar e, os estudantes aprenderem o que se ensina, a principal função da avaliação é, nesse contexto, apontar/indicar para o professor as condições de apropriação dos conteúdos em que os estudantes se encontram— diagnóstico.

De acordo com a Deliberação nº 07/99 – CEE/PR:

Art. 1º. - A avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho, com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor. § 1º. - A avaliação deve dar condições para que seja possível ao professor tomar decisões quanto ao aperfeiçoamento das situações de aprendizagem. § 2º. - A avaliação deve proporcionar dados que permitam ao estabelecimento de ensino promover a reformulação do currículo com adequação dos conteúdos e métodos de ensino. § 3º. - A avaliação deve possibilitar novas alternativas para o planejamento do estabelecimento de ensino e do sistema de ensino como um todo. (PARANÁ, 1999, p. 01)

Dessa forma, o professor, diante do diagnóstico apresentado, terá condições de reorganizar os conteúdos e as suas ações metodológicas, caso os estudantes não estejam aprendendo.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### b) Formativa

A dimensão formativa da avaliação se articula com as outras dimensões. Nesse sentido, ela é formativa na medida em que, na perspectiva da concepção integradora de educação, da formação politécnica também integra os processos de formação omnilateral, pois aponta para um aperfeiçoamento desses processos formativos seja para a vida, seja para o mundo do trabalho. Essa é a essência da avaliação formativa.

Os pressupostos colocados pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, já referenciada, indica uma concepção de educação ancorada no materialismo histórico. Isso significa que a avaliação também agrega essa concepção na medida em que objetiva que a formação dos estudantes incorpore as dimensões éticas e de cidadania. Assim, “o professor da Educação Profissional deve ser capaz de permitir que seus alunos compreendam, de forma reflexiva e crítica, os mundos do trabalho, dos objetos e dos sistemas tecnológicos dentro dos quais estes evoluem”. (MACHADO, 2008, p. 18).

Nesse caso, a avaliação de caráter formativo permite aos professores a reflexão sobre as suas ações pedagógicas e, nesse processo formativo, replanejá-las e reorganizá-las na perspectiva da inclusão, quando acolhe os estudantes com as suas dificuldades e limitações e aponta os caminhos de superação, em um “ato amoroso”. (LUCKESI, 1999, p.168)

### c) Somativa

O significado e a proposta da avaliação somativa é o de fazer um balanço do percurso da formação dos estudantes, diferentemente do modelo tradicional de caráter classificatório. O objetivo não é o de mensurar os conhecimentos apropriados, mas avaliar os itinerários formativos, na perspectiva de intervenções pedagógicas para a superação de dificuldades e avanços no processo.

Apesar de a terminologia somativa dar a ideia de “soma das partes”, na concepção de avaliação aqui apresentada, significa que, no processo avaliativo o professor deverá considerar as produções dos estudantes realizadas diariamente por

## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

meio de instrumentos e estratégias diversificadas e, o mais importante, manter a integração com os conteúdos trabalhados – critérios de avaliação.

É importante ressaltar que a legislação vigente – Deliberação nº 07/99CEE/PR, traz no seu artigo 6º, parágrafos 1º e 2º, o seguinte:

Art. 6º - Para que a avaliação cumpra sua finalidade educativa, deverá ser contínua, permanente e cumulativa. § 1º – A avaliação deverá obedecer à ordenação e à sequência do ensino aprendizagem, bem como a orientação do currículo. § 2º – Na avaliação deverão ser considerados os resultados obtidos durante o período letivo, num processo contínuo cujo resultado final venha incorporá-los, expressando a totalidade do aproveitamento escolar, tomando a sua melhor forma.

O envolvimento dos estudantes no processo de avaliação da sua aprendizagem é fundamental. Nesse sentido, a autoavaliação é um processo muito bem aceito no percurso da avaliação diagnóstica, formativa e somativa. Nele, os estudantes refletem sobre suas aprendizagens e têm condições de nelas interferirem.

### **1.3 DOS CRITÉRIOS**

Critério no sentido restrito da palavra que dizer aquilo que serve de base para a comparação, julgamento ou apreciação. No entanto, no processo de avaliação da aprendizagem significa os princípios que servem de base para avaliar a qualidade do ensino. Assim, os critérios estão estritamente integrados aos conteúdos.

Para cada conteúdo elencado, o professor deve ter a clareza do que efetivamente deve ser trabalhado. Isso exige um planejamento cuja organização contemple todas as atividades, todas as etapas do trabalho docente e dos estudantes, ou seja, em uma decisão conjunta todos os envolvidos com o ato de educar apontem, nesse processo, o que ensinar, para que ensinar e como ensinar.

Portanto, estabelecer critérios articulados aos conteúdos pertinentes às disciplinas é essencial para a definição dos instrumentos avaliativos a serem utilizados no processo ensino e aprendizagem. Logo, estão critérios e instrumentos intimamente ligados e deve expressar no Plano de Trabalho Docente a concepção de avaliação na perspectiva formativa e transformadora.

## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE**

### **1.4 DOS INSTRUMENTOS**

Os instrumentos avaliativos são as formas que os professores utilizam no sentido de proporcionar a manifestação dos estudantes quanto a sua aprendizagem. Segundo LUCKESI (1995, p.177, 178, 179), devem-se ter alguns cuidados na operacionalização desses instrumentos, quais sejam:

a) ter ciência de que, por meio dos instrumentos de avaliação da aprendizagem, estamos solicitando ao educando que manifeste a sua intimidade (seu modo de aprender, sua aprendizagem, sua capacidade de raciocinar, de poetizar, de criar histórias, seu modo de entender e de viver, etc.); b) construir os instrumentos de coleta de dados para a avaliação (sejam eles quais forem), com atenção aos seguintes pontos: - articular o instrumento com os conteúdos planejados, ensinados e aprendidos pelos educandos, no decorrer do período escolar que se toma para avaliar; - cobrir uma amostra significativa de todos os conteúdos ensinados e aprendidos de fato “- conteúdos essenciais; - compatibilizar as habilidades (motoras, mentais, imaginativas...) do instrumento de avaliação com as habilidades trabalhadas e desenvolvidas na prática do ensino aprendizagem; - compatibilizar os níveis de dificuldade do que está sendo avaliado com os níveis de dificuldade do que foi ensinado e aprendido; - usar uma linguagem clara e compreensível, para salientar o que se deseja pedir. Sem confundir a compreensão do educando no instrumento de avaliação; - construir instrumentos que auxiliem a aprendizagem dos educandos, seja pela demonstração da essencialidade dos conteúdos, seja pelos exercícios inteligentes, ou pelos aprofundamentos cognitivos propostos. c). [...] estarmos atentos ao processo de correção e devolução dos instrumentos de avaliação da aprendizagem escolar aos educandos: quanto à correção: não fazer espalhafato com cores berrantes; quanto à devolução dos resultados: o professor deve, pessoalmente, devolver os instrumentos de avaliação de aprendizagem aos educandos, comentando-os, auxiliando-os a se autocompreender em seu processo pessoal de estudo, aprendizagem e desenvolvimento.

### **1.5 DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO**

Em atendimento às Diretrizes para Educação Profissional, definidas pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, conforme o artigo 34 a seguir:

Art. 34 - A avaliação da aprendizagem dos estudantes visa à sua progressão para o alcance do perfil profissional de conclusão, sendo contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, bem como dos resultados ao longo do processo sobre os de eventuais provas finais. (MEC, 2012.)

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

Diante do exposto, a avaliação será entendida como um dos aspectos de ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem dos estudantes e das suas ações pedagógicas, com as finalidades de acompanhar, diagnosticar e aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem em diferentes situações metodológicas.

A avaliação será expressa por notas, sendo a mínima para aprovação – 6,0 (seis vírgula zero), conforme a legislação vigente.

### Recuperação de Estudos

De acordo com a legislação vigente, o aluno cujo aproveitamento escolar for insuficiente será submetido à recuperação de estudos de forma concomitante ao período letivo.

### 1.6 DO APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

#### a) Critérios

O aproveitamento de conhecimentos e experiências anteriores deverá constar no Projeto Político-Pedagógico e no Regimento Escolar e ocorrerá nos termos do art. 52 da Deliberação nº 05/13 – CEE/PR, que assim determina:

**Art. 52.** A instituição de ensino poderá aproveitar estudos, mediante avaliação de competências, conhecimentos e experiências anteriores, desde que diretamente relacionados com o perfil profissional de conclusão do respectivo Curso Técnico de Nível Médio e tenham sido adquiridos: I – no Ensino Médio; II – em habilitações profissionais e etapas ou módulos em nível técnico regularmente concluídos nos últimos cinco anos em outros cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio; III – em cursos destinados à formação inicial e continuada ou qualificação profissional de, no mínimo, 160 horas de duração, mediante avaliação específica; IV – em outros cursos de Educação profissional e Tecnológica, inclusive no trabalho, por outros meios informais ou até mesmo em cursos superiores de graduação, mediante avaliação do estudante; V – por reconhecimento, em processos formais de certificação profissional, realizado em instituição devidamente credenciada pelo órgão normativo do respectivo sistema de ensino ou no âmbito de sistemas nacionais de certificação profissional; VI – em outros países. Parágrafo único. A Avaliação, para fins de aproveitamento de estudos será

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

realizada conforme critérios estabelecidos no Projeto Político-Pedagógico, no Plano de Curso e no Regimento Escolar.

### b) Solicitação e Avaliação

- O interessado deverá solicitar o aproveitamento de estudos mediante preenchimento de requerimento na Instituição de Ensino em que estiver matriculado, considerando o perfil profissional do respectivo curso técnico de nível médio e a indicação dos cursos realizados, anexando fotocópia de comprovação de todos os cursos ou conhecimentos adquiridos.
- A direção da Instituição de Ensino deverá designar uma comissão de professores, do curso técnico, para análise da documentação apresentada pelo aluno e, posterior, emissão de parecer.
- Havendo deferimento, a comissão indicará os conteúdos (disciplinas) que deverão ser estudados pelo aluno a fim de realizar a avaliação, com data, hora marcada e professores escalados para aplicação e correção.
- Para efetivação da legalidade do aproveitamento de estudos será lavrada ata constando o resultado final da avaliação e os conteúdos aproveitados, na forma legal e pedagógica.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 06/2012**. Brasília: MEC, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A Avaliação da Aprendizagem Escolar**: estudos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

NAGEL, Lizia Helena. **Avaliação, Sociedade e Escola**: fundamentos para reflexão. Curitiba, Secretaria de Estado da Educação-SEED/PR, 1985.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação nº 07/1999**. Curitiba: CEEPR, 1999.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da Educação Profissional**: fundamentos políticos e pedagógicos. Curitiba: SEED/ PR, 2006.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### X – ARTICULAÇÃO COM O SETOR PRODUTIVO

A articulação com o setor produtivo estabelecerá uma relação entre o estabelecimento de ensino e instituições que tenham relação com o Curso Técnico em Vestuário, nas formas de entrevistas, visitas, palestras, reuniões com temas específicos com profissionais das Instituições conveniadas.

**Anexar os termos de convênio firmados com empresas e outras instituições vinculadas ao curso.**

### XI – PLANO DE AVALIAÇÃO DO CURSO

O Curso será avaliado com instrumentos específicos, construídos pelo apoio pedagógico do estabelecimento de ensino para serem respondidos (amostragem de metade mais um) por alunos, professores, pais de alunos, representante (s) da comunidade, conselho escolar, APMF.

Os resultados tabulados serão divulgados, com alternativas para solução.

### XII – INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE CURSO:

**Deverá ser graduado com habilitação específica e experiência comprovada.**

### XIII – RECURSOS MATERIAIS

- a. **Biblioteca:** (em espaço físico adequado e relacionar os itens da bibliografia específica do curso, conter quantidade)
- b. **Laboratório:** indicar o (s) laboratório(s) de Informática e o(s) específico(s) do curso
- c. **Instalações Físicas:** indicar as outras instalações da instituição e ensino, observando os espaços (iluminação, aeração, acessibilidade) e os mobiliários adequados a cada ambiente e ao desenvolvimento do curso
- d. **Equipamentos:** relacionar os equipamentos e materiais essenciais ao curso

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO – SUBSEQUENTE

### XIV – INDICAÇÃO DE PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO LABORATÓRIO (quando for o caso)

Deverá ser graduado com habilitação específica.

### XV – INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE ESTÁGIO – (quando for o caso)

Deverá ser graduado com habilitação específica e experiência comprovada.

### XVI – RELAÇÃO DE DOCENTES

Deverão ser graduados com habilitação e qualificação específica nas disciplinas para as quais forem indicados anexando documentação comprobatória.

### XVII – CERTIFICADOS E DIPLOMAS

- a. **Certificação:** Não haverá certificados no Curso Técnico em Vestuário, considerando que não há itinerários alternativos para qualificação.
- b. **Diploma:** Ao concluir o Curso Técnico em Vestuário conforme organização curricular aprovada, o aluno receberá o Diploma de Técnico em Vestuário.

### XVIII – CÓPIA DO REGIMENTO ESCOLAR E/OU ADENDO COM O RESPECTIVO ATO DE APROVAÇÃO DO NRE

(A finalidade é constatar as normas do curso indicado no Plano)

– ANUÊNCIA DO CONSELHO ESCOLAR DO ESTABELECIMENTO MANTIDO PELO PODER PÚBLICO

(ATA OU DECLARAÇÃO COM ASSINATURAS DOS MEMBROS)

### XX - PLANO DE FORMAÇÃO CONTINUADA (DOCENTES)

(O estabelecimento deverá descrever o plano de formação continuada)